



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – DCH
CAMPUS VI - CAETITÉ
COLEGIADO DE LETRAS, LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS**

MARIA ISABEL DE JESUS SOUZA RIBEIRO

**EM NSUKKA COMEÇOU A ROMPER O SILÊNCIO: UM OLHAR SOB
AS PERSONAGENS FEMININAS EM *HIBISCO ROXO***

**CAETITÉ – BA
2026**

MARIA ISABEL DE JESUS SOUZA RIBEIRO

**EM NSUKKA COMEÇOU A ROMPER O SILÊNCIO: UM OLHAR SOB
AS PERSONAGENS FEMININAS EM *HIBISCO ROXO***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade do Estado da Bahia – Departamento de
Ciências Humanas Campus VI, como requisito para
obtenção do título de Licenciada em Letras, Língua
Portuguesa e Literaturas.

Orientadora : Prof^ª Dr^ª Zoraide Portela Silva

**CAETITÉ – BA
2026**

MARIA ISABEL DE JESUS SOUZA RIBEIRO

**EM NSUKKA COMEÇOU A ROMPER O SILÊNCIO: UM OLHAR SOB
AS PERSONAGENS FEMININAS EM *HIBISCO ROXO***

Trabalho de conclusão de curso aprovado pela banca examinadora para obtenção do grau de Licenciada em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas na Universidade do Estado da Bahia com nota: 10.

Caetité, 02 de fevereiro de 2026.

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dr^a. Zoraide Portela Silva

Departamento de Ciências Humanas - CAMPUS VI - UNEB

Documento assinado digitalmente



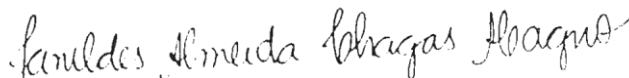
VICTOR PEREIRA SOUSA

Data: 05/02/2026 10:38:48-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof Me Victor Pereira Sousa

Departamento de Ciências Humanas - CAMPUS VI - UNEB



Prof^a Ma Janildes Almeida Chagas Magno

Secretaria de Educação do Estado da Bahia

RESUMO

O processo colonial deixou marcas que sobrevivem muitos anos após seu fim. Apesar de assumir diferentes formas, ainda faz vítimas em diversas sociedades colonizadas, muitas das quais ignoram a extensão do problema - ou sequer sua existência. O objetivo deste trabalho é realizar uma investigação no que tange às personagens femininas Kambilli e Beatrice, do Romance *Hibisco Roxo*, de Chimmanda Ngozi Adichie, a opressão de gênero à qual elas são submetidas e as ferramentas que usam para sua superação. Utilizando-se desse livro e do trabalho de alguns estudiosos pertinentes ao tema, busca-se fazer um estudo do comportamento dessas personagens, com ênfase nos seus sofrimentos e as jornadas nas quais embarcam para conhecerem a si mesmas e encontrarem uma fuga da realidade que as aprisiona. Assim, pode-se considerar que as personagens da obra se encontram oprimidas como resultado de estruturas criadas no pós-colonialismo, que foram mantidas ao longo do tempo pelo homem negro quando ele passa a assumir a postura do opressor, dando continuidade ao ciclo de violência que é conhecido.

Palavras-chave: Hibisco Roxo; Opressão de Gênero; Pós-Colonialismo; Chimamanda Ngozi Adichie.

ABSTRACT

The colonization process has left marks that have survived for many years after its ending. Despite taking on different shapes, it still claims victims in multiple colonized societies, many of which ignore the extension of the problem - or even its existence. The objective of this paper is to do an investigation in Chimamanda Ngozi Adichie's novel *Purple Hibiscus*, regarding the characters Kambili and Beatrice, the gender oppression to which they are subjected and the tools they use to overcome it. By utilizing this book and the works of some researches that are pertinent to the theme, the aim is to study the behavior of these characters, emphasizing their sufferings and the journeys they have to go through in order to get to know themselves and to find an escape from the reality that imprisons them. In that sense, it could be considered that the characters in this literary work find themselves oppressed as the result of structures that were created during post-colonialism and that were kept in place throughout time by black men when they start taking over the role of the oppressor, providing continuity to the cycle of violence which is known to them.

Keywords: *Purple Hibiscus*; Gender oppression; Postcolonialism; Chimamanda Ngozi Adichie.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
FIO NARRATIVO - HIBISCO ROXO, O PRIMEIRO ROMANCE DE ADICHIE	9
PÓS-COLONIALISMO E GÊNERO	12
O PATRIARCA EUGENE: UM PRODUTO DA COLONIZAÇÃO	15
O SILÊNCIO DE KAMBILI: ENTRE O MEDO E A TENSÃO	18
A POSIÇÃO SUBMISSA DE BEATRICE	22
IFEOMA E NSUKKA: A DESCOBERTA E A (RE) EXISTÊNCIA	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

Nota-se que o colonialismo, apesar de tecnicamente findado, legou heranças estruturais aos países vítimas desse estado. O sistema patriarcal é uma dessas heranças, e ainda na contemporaneidade é sentido e perpetuado. O colonizador precisava que houvesse uma classe inferior que precisasse ser monitorada e melhorada para que ele pudesse continuar a exercer seu papel de salvador. Essa perspectiva foi deixada como herança para muitas comunidades, fazendo com que começassem a propagar entre si a ideia da inferioridade feminina e a incitar a violência abrindo espaço para a opressão de gênero.

Na contemporaneidade, muitos escritores de diversos países do continente Africano trazem em sua escrita cenários que denunciam esse olhar colonial, bem como a influência cotidiana desse passado recente na estrutura familiar das comunidades. Chimamanda Ngozi Adichie, a escritora e feminista nigeriana, é uma das autoras que demarca sua escrita baseando-se nesses acontecimentos para recontá-los em narrativas envolventes, em suas obras discorre sobre gênero, guerras civis e acontecimentos políticos e sociais do seu país. Diante disso, este trabalho tem como objeto de análise o primeiro romance da escritora.

Para tanto, utilizando-se do romance *Hibisco Roxo* (2003) esta pesquisa propõe uma investigação acerca das personagens femininas Kambili e Beatrice a partir das opressões de gênero vivenciadas por elas, bem como as formas de (re)existência que elas utilizaram para se reconhecer dentro desse sistema e agir em direção a liberdade. Sendo assim, neste estudo, será investigado: de que forma ocorre o processo de autodescoberta do sistema familiar patriarcal e opressivo vivenciado pelas personagens Kambilli e Beatrice? Como a personagem Ifeoma e o espaço Nsukka influenciam a (re)existência e a tentativa de liberdade dessas personagens dentro dessa estrutura de opressão?

Diante disso, a hipótese baseia-se na percepção de que as vivências de Kambili e Beatrice dentro de um sistema familiar opressivo são resultantes do período colonial e pós-colonial. Durante esse período de desumanização, o homem negro e colonizado adota uma postura violenta, opressiva e autoritária e torna sua casa um espaço de reprodução da opressão e da violência, como resposta a toda exploração que vivenciou. Através dessa postura, as mulheres negras são afetadas diretamente por meio das violências físicas e psicológicas, como também pelas restrições de liberdade dentro de seus próprios lares. Para tanto, a hipótese será investigada por meio da compreensão do processo colonial da Nigéria, bem como pela análise das personagens Kambili e Beatrice diante das opressões que vivenciam e análise da

personagem Ifeoma e da cidade de Nsukka, como agentes da descoberta e da (re) existência das personagens.

A partir de uma mudança de tempo, lenta e gradual há o reconhecimento, tanto de Kambili quanto de sua mãe, que elas estavam dentro de um sistema patriarcal opressivo e que urgia a necessidade de sair dele. Ifeoma, sua tia, é a principal agente dentro desse processo, visto que ela reconhece a situação de sua cunhada e de sua sobrinha e ativamente busca auxiliá-las em uma tentativa de liberdade da opressão patriarcal que o seu irmão, Eugene, as condicionava. Além disso, Nsukka é o espaço que proporciona a mudança de perspectiva e funciona como espaço de fuga.

É perceptível como as opressões e as violências de gênero vivenciadas por Kambili e Beatrice, ocorrem também na atualidade. A violência sofrida pelo colonizado expandiu-se aos lares, enredando os integrantes do que entende-se por família. Aliado a isso, sendo mantidos dentro dessa rede e desse pensamento colonial, não são oportunizados a desprender-se desse ciclo de desumanização que resulta em inúmeras violências, sejam elas física, patrimonial, moral ou psicológica. Desse modo, esta pesquisa justifica-se por meio da urgência de desnaturalizar a violência de gênero que é sustentada por um silenciamento estrutural.

Outro ponto que ilustra a pertinência desta pesquisa é a necessidade de expandir a discussão dos estudos de gênero e raça dentro da academia, bem como a compreensão sobre a violência de gênero não ser um fenômeno isolado, mas está intrinsecamente ligada a processos de traumas históricos não resolvidos. Por fim, o pertencimento a uma família majoritariamente feminina colide com a intersecção visível entre as personagens femininas da narrativa e mulheres da realidade. É possível observá-las diante de suas demonstrações de força e coragem, que também perpassam pelo medo, pela violência e o silenciamento dentro de suas famílias, mas ainda assim munidas de união e solidariedade umas com as outras.

Tendo em vista o objetivo de analisar e responder as questões acima mencionadas, foi desenvolvida uma pesquisa de natureza exploratória de modo a auxiliar na construção de hipóteses acerca das vivências de Kambili e Beatrice. Para a construção do corpus analítico, buscou-se fragmentos que demonstravam momentos de violência física e psicológica das personagens, bem como fragmentos que explanavam uma visão anterior e posterior aos momentos, ilustrando o sentimento das personagens. Desse modo, para realizar esta investigação optou-se pela pesquisa bibliográfica, como forma de construir uma base de informação acerca do assunto, utilizando-se de livros e artigos pertinentes ao tema além do trabalho de teóricas e teórico.

Para falar sobre a diferença entre os gêneros e a sua criação em algumas comunidades de África, utilizou-se a professora nigeriana Oyèrónkẹ Oyěwùmí. Para discorrer sobre a relação de dependência entre o colonizador e o colonizado, utilizou-se o filósofo político Frantz Fanon. Para salientar acerca do silenciamento causado pelo colonialismo e por vezes reproduzido, utilizou-se a psicóloga Grada Kilomba. E por fim, para falar sobre a mulher negra e o pensamento feminista, a socióloga Patrícia Hill Collins. Optou-se por esses teóricos visando uma argumentação robusta e compatível com os objetivos da pesquisa.

FIO NARRATIVO - HIBISCO ROXO, O PRIMEIRO ROMANCE DE ADICHIE

O colonialismo ocasionou inúmeras marcas negativas, que ainda reverberam socialmente em cada país que esteve colonizado. Essas marcas tornam visíveis as mudanças significativas que os períodos colonial e pós-colonial causaram em cada um dos territórios que foram submetidos à violência, à exploração e ao silenciamento durante a vigência estendida dessa época. Isso demonstra que mesmo tendo um fim, tecnicamente demarcado pela conquista da independência dos países, a colonização ainda influencia, de maneira negativa, o pensamento e a construção dessas sociedades, principalmente em relação a violência física e psicológica, que estende-se a raça e ao gênero.

As comunidades que tiveram o contato com os colonizadores sofreram pela exploração indevida de suas riquezas naturais, a coisificação dos corpos e a manipulação das mentes. Ademais, foram submetidas também às violências de raça e gênero e a imposição da cultura e da crença dos colonizadores sobre suas culturas e suas religiões. O principal exemplo é a expansão do catolicismo que dominou o cenário religioso e que perdura tendo grande impacto até hoje, enquanto as expressões religiosas tradicionais foram perdendo espaço, em alguns casos até o ponto de extinção.

A República Federal da Nigéria é um dos países africanos que também foi marcado pelas chagas do colonialismo. No século XIX, a Nigéria tornou-se colônia da Grã-Bretanha, mas desde o século XV já era explorada pelos portugueses, que possuíam interesses comerciais e além disso estabeleceram a rota de tráfico de pessoas, dando início ao processo de mão de obra escravizada em países da Europa e da América. Somente muitos anos mais tarde, em 1960, a Nigéria conseguiu travar a sua independência da Grã-Bretanha, porém como consequência direta da falta de uma estrutura política funcional e democrática devido à exploração colonialista, houveram alguns conflitos internos e tentativas de golpes militares.

Na contemporaneidade, muitos escritores, principalmente os que vivenciaram o contexto histórico da independência e dos conflitos gerados por ela, trazem em sua escrita aspectos do que viveram, destacando as violências a saber a violência racial, de gênero e a violência partidária. A Nigéria, como outros países do continente africano em situação semelhante, sofreu um processo tardio de independência, que se reflete no cenário atual e ainda influencia o desenvolvimento da sociedade diante dos estigmas que o colonialismo legou ao país, que foi construído nesse contexto histórico, social e cultural.

Chimamanda Ngozi Adichie é uma escritora, ensaísta, ativista com envolvimento na liderança feminista e uma das maiores vozes da Literatura Africana Contemporânea. Nasceu em Enugu em 1977, no período pós Colonial, em que a Nigéria tentava se reerguer e habilitar o modelo da república no país. Pertencente à etnia Igbo, cresceu em meio ao contexto de guerras civis e tentativas de estabelecimento da ordem em seu país. O acompanhamento de todos esses processos fez com que às obras escritas por Adichie fossem atravessadas por esses conflitos, de modo a recontar, através de sua memória e da sua ficção, a história de seu país.

Adichie tornou-se conhecida também pela sua constante luta feminista e pela escrita de romances que prezam pelo protagonismo feminino e o feminismo, além de abordar os dramas sociais nigerianos e a constante emigração dos nigerianos para os Estados Unidos da América, em busca de uma vida melhor, devido a economia nigeriana. Ademais, além de ter escrito romances como *Americanah* (2013), *Meio Sol Amarelo* (2006) e uma coletânea de contos *No seu pescoço* (2017), a escritora nigeriana possui também livros que foram escritos a partir de importantes discursos, que ganharam alcance global, como *O perigo de uma história única* (2019) e *Sejamos todos feministas* (2014).

Em 2003, Adichie publicou seu primeiro romance, intitulado *Hibisco Roxo*. A narrativa é ambientada na Nigéria pós-colonial e aborda, através da família de Kambili, os estigmas da opressão e da repressão legados pelo período da colonização no país. A história é dividida em 4 partes que tecem a narrativa de maneira não linear, oscilando entre o presente e o passado, retomando acontecimentos que explicam o cenário atual. O primeiro capítulo, “Quebrando os Deuses”, ambienta o leitor a história e expõe algumas cenas que serão desenvolvidas a partir dos outros capítulos.

O segundo capítulo “Falando com nossos Espíritos” é o mais extenso de todo o livro. Nele são descritos momentos que Kambili vivencia com sua família em Enugu e sua breve estadia em Nsukka, na casa de Ifeoma, que causou mudanças de percepção na vida da jovem. O terceiro capítulo “Os pedaços dos Deuses”, retoma o cenário inicial do primeiro capítulo, explicando o impacto na vida dos personagens nos momentos seguintes e por fim, o quarto

capítulo “Um silêncio diferente” que apresenta o desfecho da história e as resoluções de vida das personagens.

A narrativa é relatada através de Kambili, a narradora personagem que revela cada acontecimento a partir de seu ponto de vista. A narradora descreve a vivência cotidiana familiar, que aparentemente é comum, mas que por trás das portas da mansão é marcada pelo silêncio, pela rigidez e pela violência doméstica. Nesta história, figuras centrais prevalecem na análise: Eugene, o patriarca, Beatrice, sua esposa e Kambili, sua filha, mas também Ifeoma, irmã de Eugene e Nsukka, cidade que modifica as ações das personagens.

A mansão da família de Kambili, em Enugu, é apresentada como um amplo espaço de riqueza material, visto que é um lugar composto por móveis e decoração sofisticada, mas frequentemente visitado pelo sufoco do silêncio, da frieza e do autoritarismo forjado por Eugene. O poder de Eugene, católico fervoroso e grande filantropo, é absoluto e incontestável, ele manifesta-se em toda a estrutura familiar, pela ordem e rigorosidade, e por meio de um cronograma que detalha cada atividade dos seus filhos, desde o momento do estudo, às orações e atividade domésticas. A narrativa evidencia que para além do controle pela religião, às violências físicas e psicológicas também mantêm o poder de Eugene, criando um ambiente de medo e tensão constante.

Beatrice, esposa de Eugene, personifica a submissão e a internalização da dor diante de tudo que sofre com seu esposo. Em seus demorados rituais de limpeza - de uma estante com pequenas estatuetas -, ela reflete o seu ciclo de sofrimento, já que as limpezas ocorrem no instante seguinte a violência sofrida. Kambili, por sua vez, representa a opressão e o silêncio em sua linguagem corporal. Sua dificuldade em se expressar, que é lida como timidez, e sua frequente autovigilância manifestam o terror inconsciente que vivencia. E apesar de sofrerem com o autoritarismo de Eugene, elas o amam, ou pelas circunstâncias acreditam que devem amá-lo, e o perdoam incondicionalmente, da mesma forma que diante de suas ações elas acreditam que ele as ama.

Um gole. O chá estava sempre muito quente, sempre queimava minha língua, e se comêssemos algo apimentado no almoço minha língua ferida me machucava. Mas não tinha importância, pois eu sabia que quando o chá queimava minha língua, ele estava queimando o amor de Papa em mim (Adichie, 2011, p.14).

O espaço analisado é a cidade de Nsukka, especificamente a casa de Ifeoma, irmã de Eugene. É o segundo espaço da narrativa e é o cenário que provoca a mudança de pensamento e atitude dos familiares de Eugene. Por meio do acolhimento de Ifeoma, Kambili e Jaja convivem um curto período de tempo com seus primos Amakha, Obiora e Chima, o que

proporciona o estreitamento de laços entre eles, bem como o autoconhecimento de Kambili e a percepção da diferença entre sua estrutura familiar e a de sua tia. Diante disso, Ifeoma, que não compactua com as atitudes de seu irmão, torna-se agente no processo de (re)existência das personagens Kambili e Beatrice.

Dessa forma, nesta pesquisa, propõe-se que a violência sofrida por Kambili e Beatrice é a reprodução da agressividade colonial que estigmatizou corpos e mentes, condicionando-os a reviver esse temperamento em seus lares. Portanto, a investigação será realizada baseando-se em episódios de violência que as personagens sofrem, a fim de descobrir de que forma elas se reconhecem dentro desse espaço de opressão e ademais, como lutam para sair dele.

PÓS-COLONIALISMO E GÊNERO

Historicamente, antes do período da colonização imposta, haviam diferentes formas de distinguir o gênero, nas comunidades de povos africanos. No período pré-colonial, as atividades eram distribuídas por aptidão e pelas necessidades de cada grupo ou família, mas também com base na antiguidade, isto é, a idade cronológica. Com o advento da colonização e todos os estigmas trazidos por esse período, veio também a construção do gênero, que é um conceito europeu e ocidental, e subdividiu os povos categorizando-os em homens e mulheres, com base em seus corpos, em sua biologia.

Em seu livro, *A invenção das mulheres* (2021), Oyèrónké discorre sobre a cosmovisão eurocêntrica, que sendo baseada somente no ver, classificou o gênero como categoria social natural. Por meio do atravessamento dos europeus com as comunidades africanas, resultando na dominação dos povos, foi também imposto por eles esse conceito de gênero e a invenção e categorização do termo mulher. A escritora pontua que: “consequentemente, quem está em posições de poder acha imperativo estabelecer sua biologia como superior, como uma maneira de afirmar seu privilégio e domínio sobre os “Outros” (Oyèwùmí, 2021, p.28).

Diante desse domínio e dessa categorização sobre os “outros”, houve também a separação de atividades, bem como de responsabilidades com base no gênero. Essa diferenciação de corpos, pela biologia, pela visão que se tem do corpo, não era comum às comunidades de povos africanos, visto que baseavam-se na idade cronológica, para definir responsabilidades e lideranças em cada família. Esse confronto resultou em distinções de gênero que consequentemente modificaram a estrutura e o funcionamento familiar e além disso, a subjugação dos corpos, que uma vez dominados e divididos, receberam a decodificação de suas obrigações familiares.

Oyèrónké, discorre sobre como essa estrutura modificada, estabeleceu responsabilidades específicas, a cada um dos gêneros. Ela afirma que, “em uma família generificada, encabeçada pelo macho e com dois genitores, o homem chefe é concebido como ganhador do pão, e o feminino está associado ao doméstico e ao cuidado” (Oyèwùmí, 2004, p. 4). A divisão desses trabalhos mostra uma estrutura familiar europeia que não é universal - tornando-se mais frequente nas comunidades africanas, a partir do confronto - e abre espaço para a hierarquia de um gênero em detrimento do outro, ocasionando também a violência entre eles.

No romance, essa hierarquia colabora para a distinção do gênero no ambiente doméstico. Eugene é o provedor da casa, possuindo muitas responsabilidades ao gerir suas empresas do ramo alimentício e um editorial de notícias cotidianas. Beatrice, ao ser tomada como esposa, pertence somente à esfera doméstica cuidando dos filhos e do lar, sem que haja uma vida individual. No entanto, Adichie também exemplifica um modelo de família liderado por uma mulher, onde Ifeoma, irmã de Eugene, após tornar-se viúva, provê, educa e cuida dos filhos sozinha, indo de encontro ao ideal colonial. A autora demonstra o contraste entre as duas construções de família e de quais formas elas foram e são estruturadas.

Ademais, a escritora aborda que a estrutura familiar de grande parte das comunidades africanas não era generificada, e exemplifica a partir das etnias Iorubá, Igbo e Shona. Essas etnias possuíam diferenciações entre seus modos de organizar a família, as lideranças e atividades distribuídas entre cada membro, mas ainda assim seus modos não eram semelhantes à organização da família nuclear europeia, adotada a partir da colonização. Ela afirma que: “a partir dos casos apresentados, torna-se óbvio que estas categorias sociais africanas são fluidas. Elas não se baseiam no tipo de corpo, e o posicionamento é altamente situacional (Oyèwùmí, 2004, p. 9). Percebe-se que as categorias sociais em algumas comunidades em África não eram pré-determinadas pela biologia ou pelo sexo, mas sim, pela contribuição que aquele indivíduo poderia oferecer para sua família.

Compreende-se que o pensamento colonial possibilitou essa divisão entre os gêneros, e ainda o estabelecimento de obrigações específicas para cada um. Para além disso, com a colonização, instaurou-se o estado do patriarcado, que além de identificar as pessoas e seus trabalhos com base nos gêneros – feminino ou masculino-, transmitiu a ideia de uma superioridade do ser masculino, homem, em detrimento do ser feminino, mulher. Tratando-se da cosmovisão eurocêntrica, a biologia é a justificativa em relação à superioridade ou inferioridade de cada gênero. Oyèrónké afirma: “quem é diferente é visto como geneticamente

inferior e isso, por sua vez, é usado para explicar sua posição social desfavorecida. (Oyěwùmí, 2021, p.28).

Diante da desumanização e da violência que o sistema colonial condicionou a esses povos, as pessoas africanas, especificamente os machos, homens, adotaram esse estado patriarcal. Eles passaram a subjugar as fêmeas, que antes eram suas parceiras, como inferiores e subservientes à imagem deles. Essa atitude de inferiorizar um gênero, abre espaço para a violência e a opressão, que ocorrem de maneira dupla para a mulher negra. No cenário vigente, é perceptível as marcas dessa violência que perpetuam nos dias atuais e refletem o processo de violência sofrido e reproduzido pelos povos que foram colonizados.

Na obra *Os Condenados da Terra* (2005) de Frantz Fanon, o psiquiatra francês salienta sobre como o processo de descolonização é violento, visto que não é possível mudar de estado sem causar uma mudança conjuntural e toda essa mudança recai a violência do colonialismo. No primeiro capítulo, intitulado *Sobre a Violência*, o escritor escreve sobre a face de desumanização e violências brutais que os colonizados sofreram e de quais formas ela foi exprimida para com os seus companheiros de situação. A violência sentida e reproduzida pelos colonizados é fruto do ódio situacional à exploração que sofriam e por quem cometia essa desumanização. No entanto, não podendo dirigir essa violência ao colono, descontavam entre si, por meio de lutas corporais. Fanon aborda que:

A violência que presidiu à constituição do mundo colonial, que ritmou incansavelmente a destruição das formas sociais indígenas, que demoliu sem restrições os sistemas de referências da economia, os modos de aparência, a roupa, será reivindicada e assumida pelo colonizado desde o momento em que, decidida a converter a história em acção, a massa colonizada penetra violentamente nas cidades proibidas (Fanon, 2005, p. 57).

Essa violência assumida pela massa colonizada inicialmente volta-se aos seus, e por meio da religião, também imposta pelo colono, desvia-se dos verdadeiros motivadores. A imposição da religião sobre os colonizados, foi mais uma estratégia de dominação e manipulação para cegá-los diante da situação e atribuir a culpa, isto é, a causa de toda a exploração que sofrem, a outra entidade. Como afirma Fanon: “o colonizado igualmente, através da religião, não toma em conta o colono. Pelo fatalismo, retira-se ao opressor toda a iniciativa, a causa dos males, da miséria e do destino está em Deus” (Fanon, 2005, p.72).

Ademais, a imposição da religiosidade católica, como também da língua do colonizador, contribuíram de forma positiva para a perpetuação do estado patriarcal e manutenção das dominações. Por meio da colonização, a fé católica foi imposta aos escravizados que foram

obrigados a abandonar - ou camuflar - sua fé, para perpetuar esse credo, e com eles os ideais de gênero e a constituição de família - na forma Europeia. A religião levada para as colônias foi uma estratégia que escravizou, “catequizou” e com isso, incutiu nas mentes dos escravizados conceitos que os afastavam do que vivenciaram e aproximaram-se do caminho do colonizador. Como afirma Fanon, “a Igreja nas colônias é uma igreja de brancos, uma igreja de estrangeiros. Não chama o homem colonizado ao caminho de Deus, mas ao caminho do branco, do amo, do opressor” (Fanon, 2005, p. 58-59).

Adichie, em seu romance, traz a religião como parte da manutenção da opressão sofrida pelas personagens Kambili e Beatrice. A religião funciona como objeto de poder nas mãos de Eugene e condiciona as personagens a viverem sob vigilância de quaisquer gestos ou pensamentos. Para as duas personagens, Eugene aponta, de modo passivo agressivo, os caminhos que Deus quer que elas sigam, como nos estudos, para sua filha, mas também em seu comportamento junto ao de sua mãe. O ritual, as demoradas orações, a missa e o jejum que antecede-a, além da visita ao Pe. Benedict logo após fazem parte da metódica rotina que ele impõe à mulher e aos filhos.

Quando Papa começou a oração, sua voz tremeu mais do que o normal. Ele agradeceu primeiro pela comida, depois pediu que Deus perdoasse aqueles que haviam tentado se opor à Sua vontade, que haviam colocado seus desejos egoístas em primeiro lugar e não quiseram visitar Seu servo após a missa. O "Amém!" de Mama ressoou por toda a sala (Adichie, 2011, p. 38).

Percebe-se que o personagem Eugene utiliza-se de muitos meios para oprimir as personagens. Não somente a religião, como também a língua, são aspectos que enredam a trama sucessiva de violências que as personagens sofrem em suas mãos. A opressão de gênero é evidenciada em aspectos do idioma, quando Eugene exige que falem somente a língua inglesa para serem civilizados; na religião, quando ele controla por meio da igreja, alegando ser a vontade de Deus; e por fim, no ato das violências psicológicas e físicas e na proibição de se expressarem livremente, que fecha a rede de opressão, criada por ele, e mantém as personagens presas nesse ciclo.

O PATRIARCA EUGENE: UM PRODUTO DA COLONIZAÇÃO

No romance *Hibisco Roxo* (2003), Chimamanda Ngozi Adichie ficcionaliza aspectos da violência do período pós-colonial por meio de um patriarca que age violentamente com sua família, principalmente com as mulheres. A narrativa é contada a partir do ponto de vista da personagem Kambili, uma jovem de 15 anos, que mora em uma mansão com sua família

formada por seu pai, Eugene, sua mãe, Beatrice, e o seu irmão, Jaja. A narradora aborda os episódios não lineares de violências que sofreu, muitos dos quais ela nem sabia reconhecer como sendo violência, junto ao seu irmão e à sua mãe, por parte do seu pai.

O personagem Eugene é um grande empresário do ramo alimentício da cidade de Enugu, dono de um dos maiores jornais da Nigéria, *O Standard* e é conhecido pelo seu vasto histórico de boas ações. Pelo reconhecimento de suas ações, ganhou um prêmio de direitos humanos da Anistia Internacional e o de sua comunidade em Abba, recebeu o título de *Omelora*¹. O patriarca é considerado um exemplo para todos que o rodeiam, sejam os fiéis da igreja de St Agnes, os integrantes de sua *umunna*², no entanto, somente sua família conhece o lado violento, metódico, autoritário e opressivo de Eugene.

Passando-se por um homem benevolente e justo, Eugene tem um ótimo relacionamento com as pessoas da sua igreja e da sua comunidade, porém tornava-se outra pessoa para sua família quando algo contrariava-o. Apesar de serem abastados, o patriarca não permitia espaço para o lazer individual ou o exibicionismo criando seus filhos com muitas restrições, principalmente de aparelhos tecnológicos. Dava-os uma rotina de tarefas diárias, com horários para todas as atividades escolares e domésticas, sem que houvesse tempo para atividades que ele não considerava importante, para o autoconhecimento ou até interações entre os irmãos e familiares.

Pela religião que segue, Eugene acredita estar fazendo um bem aos seus próprios filhos e a sua esposa por meio dessas punições porque aprendeu dessa forma. Ao acolher a religião católica, ele rejeitou sua cultura e sua língua, mas principalmente sua fé tradicional, rejeitando também ao seu pai, PapaNukwu. O patriarca relata que a partir do seu encontro com os missionários, enquanto ainda era criança, aprendeu a fé católica e a língua inglesa e por isso, quando adulto, teve mais oportunidades de estudo e de trabalho. E o seu pai, que ele acusou de ímpio, pecador e pagão, por ser um tradicionalista, nunca havia se preocupado ou investido em seus estudos, diferente dos missionários, que o acolheram e cuidaram dele.

Em seu livro *O perigo de uma história única* (2019), Chimamanda Ngozi Adichie discorre sobre como a veiculação de somente uma vertente da história, tende a ser perigosa para a construção do pensamento sobre um povo. A escritora afirma que: “O que isso demonstra, acho, é quão impressionáveis e vulneráveis somos diante de uma história, particularmente durante a infância” (Adichie, 2019, p.13). Dessa forma, ela evidencia como o momento da

¹ “Aquele que faz pela comunidade” (Adichie, 2011, p.63). Título concedido a Eugene por suas benfeitorias na comunidade de Abba.

² “Extensão de nossa família” (Adichie, 2011, p. 68)

infância é suscetível a crenças em histórias diversas, principalmente quando contadas de maneira manipulada e foi nesse momento da vida que Eugene teve contato com essa história única contada pelos missionários.

Devido ao contato com os missionários, Eugene começou a trabalhar com eles e obteve oportunidade de estudar, investir em sua carreira e realizar a compra de sua primeira empresa. Ao passo que Eugene demonstra sua gratidão pelos missionários, por sua fé e pelos benefícios que esse contato trouxe para ele, nota-se, mesmo que Eugene não perceba, a parte negativa desse encontro. Para além da cultura, do fanatismo religioso e do autoritarismo, da fixação com a língua inglesa e o seu falar, Eugene passou a reproduzir a rede de violência, opressão e tirania do colono, isto é, do homem branco.

Ele possui uma supervalorização por todo e qualquer aspecto que se aproxime da cultura do colonizador e cultiva uma verdadeira ojeriza ao que pertence à sua cultura e etnia. No livro *Os Condenados da Terra*, Fanon salienta que “para assimilar a cultura do opressor e aventurar-se, o colonizado teve que dar garantias. Entre outras, teve de fazer suas as formas de pensamento da burguesia colonial” (Fanon, 2005, p.66). O escritor elucida a posição de Eugene, que ao assimilar e adotar a cultura do colonizador como sua, passou a reproduzir um pensamento igualmente colonial que interferiu em sua estrutura familiar.

A religião é um dos primeiros aspectos que Eugene adota ferrenhamente, porque a partir dela ele acessa o restante do panorama colonial. O *omelora*, afastando-se de toda a cultura tradicional, manteve próximo a ele somente quem “acolheu” os missionários e aderiu ao projeto cristão de evangelização, como o pai de sua esposa, Beatrice. O personagem passou a considerar o seu sogro como um pai, diante das atitudes que ele teve em relação aos missionários, diferentemente do seu verdadeiro pai, PapaNnukwu, que rejeitou os missionários e seguiu cultuando os seus deuses tradicionais.

Papa ainda falava muito dele, os olhos cheios de orgulho, como se Vovô fosse seu pai. Ele abriu os olhos antes da maioria do nosso povo, dizia Papa; foi um dos poucos que acolheram os missionários. Vocês sabem a rapidez com que ele aprendeu inglês? Quando se tornou um intérprete, sabem quantas pessoas ajudou a converter? Ora, ele converteu pessoalmente quase toda a população de Abba! Fazia as coisas do jeito certo, do jeito que os brancos fazem, não como nosso povo faz agora! (Adichie, 2011, p.52)

Nesse trecho, é possível observar o orgulho genuíno sentido por Eugene em relação ao pai de sua esposa. O fato do homem ter aceitado a religião e se tornado um intérprete e missionário fez com que Eugene o admirasse mais que a seu próprio pai. Ademais, observamos o segundo aspecto que Eugene adota: a língua. Em seu livro *Pele Negra Máscaras Brancas*, Fanon reflete acerca do colonialismo e tece comentários sobre a postura do colonizado frente

ao colonizador. Em seu primeiro capítulo, intitulado *O negro e a linguagem*, escreve que: “[...] tão mais próximo estará do homem verdadeiro, quanto mais tiver incorporado a língua francesa” (Fanon, 2020, p. 31).

Apesar de escrever especificamente sobre a colonização da França, o psiquiatra consegue resumir os processos coloniais de países em igual semelhança, pela equivalência entre os danos que foram causados aos colonizados. Para Eugene, quanto mais próximo do inglês britânico, mais próximo estaria de “homens verdadeiros” e que sabem o jeito correto de realizar todas as coisas. Por esse motivo, o homem possuía uma pronúncia britânica para falar com pessoas importantes e dizia à sua família: “Precisávamos ser civilizados em público, ele nos dizia; precisávamos falar inglês” (Adichie, 2011, p. 20). Para o patriarca, a língua não era somente um meio de comunicação, mas sim um meio de ser e estar civilizado.

Diante disso, é notória a posição subserviente que Eugene possui diante da figura do branco, do colonizador/missionário, mas para além disso, o fato de comportar-se semelhante a um. O empresário expressa grande devoção pela cultura, pela fé e pela língua do colono, expandindo o pensamento colonial de que tudo o que era cultural dos colonizados era inferior. Ademais, além de aderir a diversos aspectos do colonizador, Eugene adota também a violência do período colonial, que expande-se aos seus, mas nunca retoma o caminho do colonizador. Sobre isso, Fanon aborda que: “essa agressividade sedimentada nos seus músculos, o colonizado manifesta-a primeiro contra os seus.” (Fanon, 2020, p. 69)

Essa agressividade de que Fanon fala é a agressividade diante da exploração e das violências físicas e psicológicas que foram causadas pelo colono, mas acaba atingindo os companheiros e companheiras. No caso do personagem Eugene, sua violência expande-se ao seu lar, onde seus filhos e sua esposa experimentam o peso e a força de sua opressão. Diante disso, é perceptível que Eugene é um produto da época colonial e reproduz o pensamento e as ações que comprovam os estigmas desse período, assumindo em seu lar uma postura violenta e tirana, que foram, de certa forma, herdadas do colonizador.

O SILÊNCIO DE KAMBILI: ENTRE O MEDO E A TENSÃO

A personagem Kambili é uma jovem muito estudiosa e silenciosa que mora em uma mansão em Enugu, com seus pais e seu irmão mais velho. Apesar de morar na cidade desde o nascimento, ela não possui amizades ou pessoas próximas, além de seus familiares, e seus diminutos e restritos momentos de lazer. A adolescente possui uma personalidade quieta e muita dificuldade em se expressar, por esse motivo não consegue manter conversas ou aproximar-se

de seus colegas de classe. Por sua dificuldade ela desabafa que, “não sabia o que mais dizer, mas queria que Ezinne soubesse que eu era grata por ela sempre ser simpática comigo, embora eu fosse tão estranha e calada” (Adichie, 2011, p.55).

Essa dificuldade em se expressar é lida como vergonha ou timidez, no entanto é resultado da conjuntura opressiva em que cresceu. Na rotina pré-estabelecida por seu pai, não há tempo para as interações informais nem espaço para o autoconhecimento. Seus dias constam apenas de momentos para refeições, estudo, oração, descanso e aos finais de semana, é acrescido a hora para família, período para leitura de jornais, jogos em grupo ou escuta de notícias veiculadas pelo rádio. Este era o único momento de lazer do qual ela dispunha e suas interações eram exclusivas com seus pais e irmãos. Assim, é perceptível a rede de ordem e opressão que Eugene oferecia a sua filha e diante disso ao menor sinal de descumprimento desse horário ou das regras dadas por seu pai, havia uma severa punição.

Papa gostava de ordem. Isso ficava patente nos próprios horários, na forma meticulosa como ele desenhava as linhas, em tinta negra, cortadas horizontalmente a cada dia, separando a hora de estudar da hora da sesta, a da sesta da hora de ficar com a família, a de ficar com a família da hora das refeições, a das refeições da hora de rezar, a de rezar da hora de dormir. Papa revisava nossos horários com frequência (Adichie, 2011, p.30).

A ordem imposta por meio dos horários impede que haja espaço para outras interações e vivências que não sejam dentro dos portões de sua mansão. A adolescente não possui amigos e na escola não se esforçava para isso, porque a tensão evidente e cotidiana impede que ela tente conversar e consiga sorrir com outras meninas. Suas colegas de turma, não compreendendo o que se passa em sua casa, chamam-na de riquinha metida por conta desse distanciamento e por não esperá-las para caminhar até o portão depois da aula. Porém, Kambili não podia demorar na escola e esperar suas colegas porque devia seguir metulosamente os horários da rotina, sem atrasar para nenhuma das atividades.

Uma vez, Kevin dissera a Papa que eu havia demorado alguns minutos a mais para sair, e Papa batera nas minhas duas bochechas ao mesmo tempo. As palmas imensas das mãos dele deixaram marcas paralelas em meu rosto e um zumbido nos ouvidos durante dias (Adichie, 2011 p.58)

Kambili recebeu uma punição, em forma de agressão por conta de um pequeno atraso. Seu pai pune-a dessa forma, como maneira de reivindicar o seguimento de suas ordens e demonstrar sua dominação por meio da força. Dominação que estende-se em todos os âmbitos da vida de Kambili, e impulsiona o medo e a tensão que sente em não cumprir suficientemente

com as expectativas do pai. Seja a perfeição na igreja, o cumprimento de suas obrigações e horários em casa, seu pai exigia que ela fosse e conseguisse e diante do medo que sente ela afirma que: “nós não saltávamos por acreditarmos que podíamos; saltávamos porque tínhamos pânico de não conseguir” (Adichie, 2011, p. 238).

Além da cobrança pela pontualidade e pela perfeição, Eugene exige muito de seus filhos em relação aos estudos, argumentando que ele não teve a mesma oportunidade e se não fossem os missionários, isto é os homens brancos, ele não seria um homem próspero. Ele aponta que seu pai, um ímpio e pagão, nunca preocupou-se com seus estudos, nem o levava à escola. Ademais, ele ainda argumenta que Deus espera a perfeição de quem tem muito, utilizando também da religião para promover sua dominação.

Como Deus lhes deu muito, Ele espera muito de vocês. Espera a perfeição. Eu não tive um pai que me colocasse nas melhores escolas. Meu pai desperdiçava seu tempo adorando deuses de madeira e pedra. Eu não seria nada hoje se não fosse pelos padres e pelas irmãs da missão. Fui empregado do padre da paróquia por dois anos. Isso mesmo, um empregado.

Ninguém me deixava na escola. Até terminar o ensino básico, andei doze quilômetros todos os dias até Nimo. Trabalhei como jardineiro para os padres enquanto frequentava a Escola de Ensino Médio St. Gregorys (Adichie, 2011, p.53).

Todas as cobranças de Eugene para Kambili, sejam pelo estudo, pela ordem a ser seguida ou pela religião, contribuem para que ela seja uma pessoa oprimida, triste, medrosa e extremamente silenciosa. Suas ações estão sempre voltadas a seguir o que é determinado por seu pai e mesmo em sua ausência, sua consciência, dominada pela violência psicológica, o medo e a tensão, segue o pensamento de obedecê-lo. Kambili não conhece outra dinâmica familiar e considera comum sua vivência, seu frequente sentimento de temor e o seu silêncio. Esse silêncio de Kambili assemelha-se ao silêncio que Grada Kilomba descreve em seu livro *Memórias de Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano*.

Nesse livro, o primeiro capítulo discorre sobre “A máscara de Anastácia”, essa ferramenta desumana que era utilizada para implementar o sendo de mudez e medo no escravizado, impedindo que este comesse ou se expressasse de alguma maneira. Em seu lar, Kambili, recebe essa mesma máscara que impõe o silenciamento, quando o ato de falar abertamente não existe sem que haja medo e tensão. Ademais, o silenciamento ocorre pela falta de espaço para questionar a forma como vive ou as regras que deve seguir. Essa máscara do silenciamento, forjada pelas circunstâncias familiares, reflete uma posição de opressão, que domina e silencia os corpos. Kilomba escreve que:

Alguém pode falar (somente) quando sua voz é ouvida. [...] E aquelas/es que não são ouvidas/os se tornam aquelas/es que “não pertencem”. A máscara recria esse projeto de silenciamento e controla a possibilidade de que colonizadas/os possam um dia ser ouvidas/os e, conseqüentemente, possam pertencer (Kilomba, 2021, p. 42-43).

E é esse meio de pertencer que Kambili não consegue atingir em nenhuma das esferas sociais que integra. Mesmo o silenciamento sendo forjado dentro do seu lar, ele domina a vida de Kambili, de modo que a fala torna-se desconfortável e quase inexistente. Kilomba afirma que só se pode falar quando sua voz é ouvida, e Kambili, nos poucos espaços sociais que frequenta, não realiza nenhuma dessas ações por medo, desconforto e principalmente o sentimento de não pertencimento, criados pela estrutura opressiva que vive. Quando enuncia é somente com a função de agradar seu pai e dizer o que ele gostaria de ouvir:

- Deus nos salvará - disse eu, sabendo que Papa gostaria de ouvir isso.
 - Sem dúvida, sem dúvida - concordou Papa, assentindo.
 Ele esticou a mão e pegou a minha, e eu senti como se minha boca estivesse cheia de açúcar derretido (Adichie, 2011, p. 32).

Diante de todas as situações que sofre, Kambili ainda sente necessidade em ser validada por seu pai. O afeto que sente por ele é maior que todas as repressões e privações que sofre e sempre torna-se preenchida pelos “goles de amor” oferecidos por seu pai, quando este demonstra algum resquício de carinho em vez de seus castigos brutais. Sua mãe Beatrice, prossegue com esse mesmo sentimento de anular e perdoar as ações ruins de Eugene, porque para a sociedade ele é um bom homem que sempre ajuda financeiramente os mais necessitados.

Eugene, mesmo ajudando os mais necessitados, faz uma grande distinção com seu Pai, Papa-Nnukwu e não permite que seus filhos ou sua esposa frequentem a casa dele. Kambili conhece muito pouco do seu avô e não possui nenhuma proximidade afetiva com ele, sendo que toda a informação que tem dele foi obtida por meio de Eugene, que sempre enfatiza que o seu pai é um ímpio, pagão e pecador por seguir sua fé, que é tradicional de Enugu e negar o catolicismo. A jovem, sem conhecer a história e a fé de seu avô, acredita na única história contada por seu pai e reproduz o pensamento dele. Assim como Eugene, Kambili demonstra a vulnerabilidade do período da infância descrita por Adichie, em seu livro *O perigo de uma história única*.

O silenciamento que Kambili sofre ocorre também ao não ser permitido a ela conhecer ou questionar um outro lado da história, e estende-se da mesma forma ao seu irmão, mas principalmente a sua mãe, Beatrice. O cotidiano da família é realizar suas ações em silêncio erguendo suas vozes somente nos momentos em que Eugene o permite, como em orações antes e depois das refeições, sendo retomado o silêncio logo em seguida. Esse silêncio que é rotina,

e faz parte do mecanismo de silenciamento e opressão, está inserido também na falta de espaço para que falem ou conversem entre si, refletindo acerca das situações que vivenciam.

Os momentos de violência que Kambili sofre junto ao seu irmão e a sua mãe também corroboram o silenciamento que vivenciam. Para além do silêncio do lar, Kambili permanece silenciosa diante de tudo que sofre nas mãos de seu pai, todas as violências e agressões que vivencia e conservam-se dos portões para dentro. Como ela mesmo pergunta-se: “será que Jaja tinha esquecido que nós não contávamos a ninguém, que havia tanto que nunca contávamos a ninguém?” (Adichie, 2011, p.165-166), o “tanto” que não contavam a ninguém refere-se aos episódios de violência física e psicológica que vivenciavam e guardavam para si.

A falta de oportunidade para compartilhar essas violências aproxima-se da posição da subalterna, que Kilomba descreve, que para além de usar a máscara do silenciamento não tem permissão ou sequer espaço para falar. Ela afirma que: “essa ausência simboliza a posição da subalterna como *sujeito* oprimido que não pode falar porque as estruturas da opressão não permitem que essas vozes sejam escutadas, tampouco proporciona um espaço para a articulação das mesmas” (Kilomba, 2021, p 47). A opressão de Eugene forja o silenciamento de Kambili e Beatrice, impedindo que revelem as verdades acerca das violências que sofrem.

A POSIÇÃO SUBMISSA DE BEATRICE

A personagem Beatrice Achike, é uma esposa dedicada, uma mãe muito afetuosa, e reside apenas na esfera doméstica cuidando dos filhos e mantendo a organização da casa. O personagem Eugene organiza a vida da família, de modo que os horários de atividades sejam diferentes e não tenham tempo para interações ou conversas que atrapalhem a ordem que tanto preza. Beatrice é também obrigada a seguir esse padrão, enquanto supervisiona Sisi, sua ajudante do lar, e assiste ao cumprimento das atividades dos filhos.

Ela interage com seus filhos poucas vezes devido aos horários dos jovens. No entanto, uma vez por ano possuem um passeio que pertence aos três: “mas aquele ritual era o único que pertencia só a nós três: ir ao mercado antes do início de cada semestre, abaixando o vidro das janelas no caminho sem precisar pedir permissão a Papa” (Adichie, 2011, p.49). Nesse ritual, eles saem às compras longe do olhar severo de Eugene e podem realizar ações que o patriarca não autoriza quando estão com eles.

Beatrice é uma mulher submissa, que acredita ter um ótimo esposo e sorte por tê-lo ao seu lado. Mesmo Eugene sendo um homem extremamente violento e autoritário, Beatrice releva tais comportamentos devido a bondade que ele expressa ao mundo externo. O patriarca

apresenta múltiplas formas de dominação aos seus filhos e principalmente a sua esposa, a dominação religiosa através da igreja e seus dogmas, a dominação física, por meio de agressões e espancamentos, e a dominação psicológica, através do controle de suas mentes.

Vivendo um contexto opressivo de violências, Beatrice resiste em separar-se de Eugene. Ela vivencia as agressões, assiste aos filhos também sofrendo essas violências, mas não vê-se fora do relacionamento por muitos motivos. Primeiramente, pela situação financeira, mas também pela religião e por acreditar que acima de tudo, Eugene é um bom esposo – por não abandoná-la ou desejar unir-se a outra esposa – e um bom pai. Seu filho Jaja, é quem primeiro percebe e compreende a violência que eles e Beatrice sofrem, Kambili, inicialmente não entende o que acontece, mas ouve um dos momentos.

Pancadas pesadas e rápidas na porta talhada à mão do quarto dos meus pais. Imaginei que a porta estava emperrada e que Papa estivesse tentando abri-la. Se imaginasse aquilo sem parar, talvez virasse verdade. Eu me sentei, fechei os olhos e comecei a contar. Contar fazia o tempo passar um pouco mais rápido, fazia com que não fosse tão ruim. Às vezes, acabava antes de eu chegar ao número vinte. Eu já estava no dezenove quando o som parou. Ouvi a porta se abrindo. Os passos de Papa na escada pareceram mais pesados, mais desajeitados do que o normal. (Adichie, 2011, p. 39).

Essa cena é um dos primeiros episódios de violência descritos na trama, onde Eugene pune Beatrice, que estava grávida, por ela ter passado mal após a missa e ter negado a rotineira visita ao Pe. Benedict. Essa e outras cenas da violência presentes no romance, revelam a crueldade e frieza de Eugene, ao punir sua esposa com pancadas resultando na perda do bebê, e além disso, sem importar-se que seus outros filhos estivessem ouvindo as agressões. A professora bell hooks³, em sua obra *O Feminismo é para todo mundo* (2019) afirma que as crianças são violentadas quando são o alvo direto da violência patriarcal, mas também quando obrigadas a presenciar a violência. Kambili, ao longo do romance é violentada duas vezes, visto que da mesma forma que narra os episódios de violência que sofre, é, também, a partir de seu ponto de vista que são expostos às violências que sua mãe sofre.

Ao narrar, Kambili evidencia que muitas vezes ouve as pancadas vindas do quarto dos pais, mas não sabe afirmar o que seria. Apesar de estar também enredada no ciclo de violência, há dificuldade em reconhecê-la quando não ocorre com ela. Esse ciclo de violências demonstram de que forma a dominação física de Eugene é marcante para sua esposa e seus

³ “Uma das muitas razões pelas quais escolhi escrever usando o pseudônimo bell hooks, um nome de família (mãe de Sara Oldham, avó de Rosa Bell Oldham e minha bisavó), foi para construir uma identidade-escritora que desafiasse e dominasse todos os impulsos que me levavam para longe da fala e em direção ao silêncio (hooks, 2019, p. 38).

filhos a ponto de ser normalizado. Após esse episódio, o comportamento de seus filhos foi o de limpar a casa e não discutir nem questionar sobre o assunto, mesmo na ausência de Eugene.

- Tem sangue no chão - disse Jaja. - Vou pegar a escova no banheiro.
Limpamos o filete de sangue, que fez uma trilha no chão como se alguém houvesse carregado uma jarra furada de tinta vermelha lá para baixo. Jaja escovou o chão e eu passei um pano depois.
Mama não voltou para casa naquela noite, e Jaja e eu jantamos sozinhos. Não falamos sobre ela (Adichie, 2011, p. 39).

A posição dos filhos diante das violências sofridas era a de passividade. Não falavam sobre o assunto, nem o que provocava a violência, mas seguiam suas vidas. A dominação psicológica de Eugene que gere o silenciamento e medo em casa, não permitia que discutissem acerca do que viam e ouviam. A opressão e o poder de Eugene eram incontestáveis, de modo que dentro ou fora da esfera privada, nem Beatrice nem seus filhos compartilhavam suas vivências com ninguém. No entanto, em um ritual de tentativa de cura das violências que tanto ela quanto Kambili ainda não compreendiam, Beatrice limpa sua estante de estatuetas com muito afincado dedicação, como se a cada objeto limpo pudesse curar suas dores.

Anos antes, quando eu ainda não entendia, eu me perguntava por que ela limpava as estatuetas sempre depois de eu ouvir aquele som vindo do quarto deles, um som que parecia ser de alguma coisa batendo na porta pelo lado de dentro.[...] Ela dedicava pelo menos quinze minutos a cada estatueta de bailarina. Nunca havia lágrimas em seu rosto. Da última vez, há apenas duas semanas, quando seu olho inchado ainda estava da cor preto-arroxeadada de um abacate maduro demais, Mama rearrumara as estatuetas depois de limpá-las (Adichie, 2011, p.17).

No livro *Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento*, Patrícia Hill Collins discorre sobre tópicos cruciais para o pensamento feminista, dentre eles a opressão sofrida por mulheres negras. No capítulo três do livro, ela aborda que: “a maternidade como instituição tem um papel especial na transmissão de valores às crianças quanto a seu devido lugar. Por um lado, as mães podem alimentar a opressão de suas filhas e seus filhos se os ensinar a acreditar na própria inferioridade” (Collins, 2019, p.108). No romance de Adichie, é perceptível como a personagem Beatrice alimenta a opressão de seus filhos, mas principalmente de sua filha ao permitir as violências e silenciar-se diante delas.

Beatrice advém de uma família da *umunna* de Abba e seu pai que, assim como Eugene, adotou a cultura do colonizador, isto é, dos missionários brancos que foram até a comunidade, e adotou também como religião o catolicismo. Seguindo essa religião e negando a cultura tradicional, Beatrice foi ensinada a ser uma mulher submissa e obediente ao marido em todas as circunstâncias e são esses valores que ela repassa à filha ao calar-se diante das violências.

Assim como as agressões que Eugene realiza e a família naturaliza, Kambili aprendeu que a ordem e as punições são para o seu bem.

Em seu livro *A Invenção das Mulheres*, Oyèrónké escreve sobre a criação dessa categoria de gênero e como isso impactou no funcionamento das sociedades africanas. Ela salienta acerca da educação cristã, que foi trazida pelos colonizadores para essas sociedades, e tinha o papel de transformar as comunidades e não preservá-las. Com o estabelecimento dessa educação, o objetivo era ensinar a religião cristã e instituir a distinção entre as categorias criadas, além de definir suas profissões ou funções no lar tomando como base o gênero. Ela afirma que:

A mensagem era explícita: os meninos foram educados para se tornarem clérigos, catequistas, pastores, missionários, diplomatas e até políticos. O papel das meninas era parecer delicadas e atraentes, prontas para se tornarem esposas e ajudantes desses homens potencialmente poderosos (Oyèwùmí, 2021, p. 199).

Essa diferenciação de categorias e funções serviu para a estruturação da opressão de gênero. Enquanto os meninos eram preparados para conquistar suas independências, as meninas, por sua vez, eram preparadas para apoiá-los, sem desejar nada para si. O romance de Adichie, demonstra essa educação cristã no relacionamento de Eugene e Beatrice: enquanto ele recebeu educação e tornou-se um Homem-Grande e poderoso empresário, ela aprendeu a cuidar do lar, dos filhos e tornou-se submissa e obediente ao marido. Determinado modelo de relacionamento influencia também sua filha, que mesmo estudando, recebe uma educação cristã em um colégio só para meninas.

Adichie, na obra *Sejamos Todos Feministas*, aborda sobre a necessidade de uma educação que tire o foco do gênero, principalmente em relação a educação passiva que as meninas recebem. Ela afirma que as meninas crescem esperando tão pouco do gênero masculino que acostumam-se com seu descontrole. Esse costume interfere na forma como a família de Kambili estrutura-se, visto que, por vezes tem-se uma normalização das agressões por Beatriz, ao afirmar que Eugene carrega muitas responsabilidades nos ombros, e do próprio Eugene, ao sempre enfatizar que as punições são para o bem de sua família.

A influência dessa estrutura familiar generificada e opressiva soma negativamente a vida das duas personagens. Collins afirma que “essas e outras formas de opressão são atravessadas por certas ideias básicas. Uma dessas ideias consiste no pensamento binário que categoriza pessoas, coisas e ideias segundo as diferenças que existem entre elas” (Collins, 2019 p. 136-137). Essa opressão vivenciada pelas personagens, é caracterizada por essa ideia da

diferença, principalmente entre os gêneros, onde o homem negro, Eugene, subjuga mulheres negras, Beatrice e Kambili, e reproduz em seu lar a opressão sexista. A socióloga escreve que:

Ao mesmo tempo, porém, nossos “irmãos” estão, sim, na casa das mulheres negras. Eles podem ser responsabilizados pela maneira como tratam as mulheres negras, as crianças negras e uns aos outros, por mais que sofram opressão racial (Collins, 1990, p. 265).

Desse modo, apesar do recorte não evidenciar a opressão de raça, indica a opressão de gênero e de quais maneiras ela manipula a vivência, as ações e as relações construídas entre os personagens. Collins aponta para a responsabilidade que homens negros possuem pela forma que decidem tratar crianças e mulheres negras. Sobre isso, a professora e teórica feminista bell hooks⁴ em sua obra *E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e Feminismo*, reforça o dizer acerca da opressão sexista que mulheres negras sofrem e de quais maneiras os homens negros a reproduzem contra essas mulheres e crianças. A teórica afirma que:

O sexismo alimenta, justifica e apoia a violência do homem contra a mulher, assim como incentiva a violência entre homens. Na sociedade patriarcal, homens são incentivados a canalizar agressões frustradas contra pessoas sem poder- mulheres e crianças (hooks, 2024, p.172).

No romance, a escolha de Eugene aponta para a opressão dos corpos de sua filha e de sua esposa. A dominação por meio da opressão sexista, resulta da cultura patriarcal de desenvolver o ato de violência contra pessoas sem força. Em Kambili, essa dominação afeta sua fala e até seu riso, além de contribuir para que seja uma adolescente alienada que não questiona e acredita em todo dizer proferido por seu pai. Para Beatrice, a dominação reflete em seu físico, que constantemente soma hematomas e marcas das agressões, e em seu psicológico que expressa o silêncio diante do que sofre e o constante temor que possui por Eugene. Em ambas as personagens a canalização da violência patriarcal é demarcada.

IFEOMA E NSUKKA: A DESCOBERTA E A (RE) EXISTÊNCIA

A personagem Kambili possui pouca proximidade com sua tia Ifeoma e seus primos Amakha, Obiora e Chima. Por um tempo, Eugene não permitiu que a irmã frequentasse sua casa por defender o seu pai e cuidar dele, nesse período seus filhos e sobrinhos cresceram afastados. Em Abba, na festividade do Natal, ao reencontrar-se com seus primos, Kambili percebe a alteridade em suas personalidades. A educação que receberam é totalmente diferente

e faz com que a relação inicial seja estranha e pouco afetiva. Kambili reflete em sua personalidade a dominação de Eugene, que faz com que seja sempre silenciosa e temente, por outro lado, seus primos refletem a ousadia e a força de Ifeoma, sendo ativos, questionadores e corajosos.

A personagem Ifeoma, é uma professora, pobre, viúva, mãe de três filhos e uma mulher persistente naquilo que acredita. Assim como seu irmão, ela também frequentou a evangelização realizada pelos missionários em sua comunidade; no entanto, sendo contrária a atitude de Eugene, não permitiu que esse contato modificasse o respeito que tem pelo seu pai, pela sua etnia e cultura. A personagem segue a religião católica, mas prossegue convivendo e cuidando de seu pai. Ela utiliza aspectos das duas culturas em seu cotidiano, em suas orações, reza pelo riso, pela saúde de seu pai e vivencia sua fé sem desvalorizar a fé tradicional de sua comunidade. Em sua sensatez, Ifeoma observava as atitudes do irmão e compreendia de que forma a evangelização o influenciou.

A irmã de Papa, tia Ifeoma, disse um dia que Papa era muito colonizado. Disse isso de forma gentil e indulgente, como se não fosse culpa de Papa, como quem fala de alguém que tem um caso grave de malária e por isso grita coisas sem nexo (Adichie, 2011, p. 20).

Ifeoma entende as atitudes do irmão porque não sofreu a mesma influência que causou a postura totalmente colonial dele. Ela é uma professora universitária, é leitora e gosta de ficar atualizada acerca dos acontecimentos políticos e sociais de seu país. Seu vasto conhecimento auxilia na compreensão das atitudes do irmão que, mesmo sendo o dono de um dos jornais mais comprometido com a veiculação da realidade política do país, estava estreitamente ligado ao pensamento pós-colonial. No entanto, mesmo compreendendo, ela nem justifica nem apoia as ações de seu irmão, principalmente em relação à sua esposa e aos seus filhos.

A personagem sempre mostrou-se preocupada com Beatrice e com seus sobrinhos Kambili e Jaja, conhecendo o irmão e observando o tratamento que ele oferece ao próprio pai, ela entende o que a família passa. Beatrice possui uma relação de afeto e solidariedade por ela por conta do apoio que recebeu diante dos dizeres da *umunna*, ela aponta que ele foi crucial para que ela prosseguisse seu casamento, sem que Eugene adotasse uma segunda esposa. No entanto, mesmo diante dessa relação de solidariedade e apoio mútuo, Beatrice não concorda com tudo que Ifeoma pensa e diz, e a julga por ter falas que vão contra os ideais da religião católica e da tradição local, alegando serem conversas de universidade.

- Isso é o que você diz. Uma mulher com filhos e sem marido é o quê?
-Eu.

Mama balançou a cabeça.

- Lá vem você de novo, Ifeoma. Você sabe o que eu quis dizer. Como uma mulher pode viver assim? - perguntou Mama. Seus olhos estavam arregalados, ocupando mais espaço em seu rosto.

- Nwunye m⁵, às vezes a vida começa quando o casamento acaba.

- Você e essa conversa de universidade. É isso que diz para suas alunas? - perguntou Mama, sorrindo (Adichie, 2011, p.83).

Ifeoma perdeu seu esposo em um acidente de carro e após o incidente ela ergueu-se e passou a educar e sustentar os seus três filhos, o que era mal visto já que pela sociedade da época, uma mulher deveria ter um marido para liderar sua família e cuidar dela. Seu pai, mesmo idoso e necessitando de cuidados evidencia esse pensamento, ao afirmar que rezaria para que ela encontrasse um bom marido e ela rebate pedindo a ele que reze por sua promoção de professora sênior. Ifeoma contraria essa noção e mesmo passando por períodos difíceis, prossegue fazendo de tudo pelos seus filhos. Para ela, que tem o pensamento oposto ao padrão pós-colonial, não há necessidade de um homem para cuidar e liderar sua família, pois ela conduz a educação dos filhos de maneira excelente, mesmo diante de um cenário de escassez.

O pensamento adverso ao padrão pós-colonial aliado ao conhecimento que possui, faz com que ela seja uma pessoa consciente. Ao encontrar com Beatrice e Kambili, ela percebe a atmosfera opressiva que elas vivenciam e identifica a partir das ações da família, que são sempre mais tensas na presença de Eugene. Com o objetivo de aproximar-se dos sobrinhos e promover a interação entre eles, ela convida-os para passar uma semana em sua casa, em Nsukka. Eugene, inicialmente nega, alegando que seus filhos nunca ficaram longe de casa, mas sua irmã convence-o e ele aceita o pedido.

O primeiro sinal de mudança na trama ocorre após a ida a casa de Tia Ifeoma, em Nsukka. Antes da visita, Beatrice e Kambili não se reconheciam dentro de um sistema de opressão e repressão que cerceava suas liberdades, mas acreditavam ter uma dinâmica familiar comum que respirava ordem e silêncio. Para Kambili, a passagem de tempo na casa da tia serviu não só para estreitar os laços com os primos, mas para reconhecer as diferenças entre a educação que recebeu e de quais maneiras essa diferença influenciou sua vida. Nesse momento, são expostos alguns instantes que modificaram a percepção dos personagens, bem como suas ações.

A cidade de Nsukka contrasta totalmente com a cidade de Enugu. Em um espaço há a presença de casas mais modestas, enquanto o outro é ornado por prédios e mansões. No entanto, para as personagens, a diferença estava não somente no ornamento dos lugares, mas também na ausência de uma atmosfera de medo. Diante dessa diferença de vivência entre os espaços, a

⁵ “Minha esposa” (Adichie,2011, p.81)

personagem Amakha, diz para Kambili que “aposto que você acha que Nsukka não é tão civilizada comparada com Enugu” (Adichie, 2011, p.127), porém, para a narradora personagem, a cidade era o novo, que inicialmente a assustava por apresentar algo que ela ainda não havia experimentado: a liberdade.

Kambili, observa a dinâmica da família, o respeito mútuo, a colaboração de cada um e dava grande ênfase às orações e a falta do silêncio. A adolescente percebe que ao contrário de sua casa, Ifeoma conduz seus filhos de forma leve e divertida, faz suas orações rápidas e pede para que encontrem o riso no dia, enquanto em sua casa, seu pai não orava pelo riso e ela ainda não sabia sorrir. Além disso, sua tia sempre estimula os filhos a conversarem, questionarem e discutirem sobre todos os assuntos, comandando-os como: “um técnico de futebol que treinara bem seu time e estava satisfeita em ficar no banco, só assistindo” (Adichie, 2011, p.131).

Ademais, a passagem na casa de sua tia serviu também para conectá-la ao afeto. Ifeoma, percebe a dificuldade de sua sobrinha em falar com firmeza, estabelecer vínculos e sentir-se pertencente, logo age como uma mediadora na vida de Kambili. A tia identifica que essas dificuldades ocorrem pela maneira autoritária e privativa que Kambili foi criada e diante da preocupação, tenta ajudá-la. Primeiramente, ela promove uma aproximação das duas primas nas atividades domésticas e diante das provocações de Amakha, Ifeoma sempre a defende, mas depois de determinado tempo ela cobra que Kambili responda sua prima a mesma altura.

- Por quê? - gritou Amaka. - Porque gente rica não prepara orah na casa deles? Ela não vai comer a sopa de orah também?
Tia Ifeoma lançou um olhar furioso - não para Amaka, mas para mim.
- O ginidi, Kambili, você não tem boca? Não deixe Amaka sem resposta!
Observei um lírio africano cair de seu galho no jardim. Os crótons balançavam à brisa do final da manhã.
- Não precisa gritar, Amaka - disse eu finalmente. - Não sei preparar as folhas de orah, mas você pode me mostrar como se faz (Adichie, 2011, p.181)

Ao responder a prima sem baixar a voz, Kambili quebra parte de seu silenciamento. Da mesma forma como faz com os seus filhos, Ifeoma passa a também estimular Kambili, indicando leituras, cobrando respostas e responsabilidade nas atividades que propõe ela corresponde ao falar com assertividade, conversar com seus primos e até questionar situações, atitudes que antes ela não teria. Para além disso, Ifeoma apresenta Kambili ao Pe. Amadi, o jovem presbítero que lidera grupos de esporte, com meninas e meninos de comunidades em Nsukka. Ele tem o costume de levar os filhos de Ifeoma para jogar e em um ato de preocupação, ela pede que ele leve somente Kambili em um desses jogos.

Conhecendo o padre Amadi, Kambili conecta-se com o afeto e o vínculo. O jovem sacerdote, em um primeiro momento identifica que a adolescente não sorri nunca e demonstra

inquietação. Nesse primeiro encontro, Kambili apaixonou-se pelo padre diante da forma que é conduzida a pensar e por sua ternura. O amor que Kambili conhecia, era como os goles de amor, que queimavam, ou como as agressões que recebia para o seu bem. Indo ao encontro de tudo que vivenciou, o Padre Amadi apresenta-lhe o afeto e a suavidade, com ele que a jovem aprende a sorrir:

Eu ri. O som foi esquisito, como se eu estivesse ouvindo a risada de um estranho numa gravação. Acho que nunca tinha me ouvido rir antes. [...] Eu sorriera, corraera, rira. Meu peito estava repleto de alguma coisa parecida com espuma de banho. Leve. A leveza era tão doce que eu podia sentir seu gosto na língua, tinha a doçura de um caju maduro, amarelo-vivo (Adichie, 2011, p.191-192).

Além do afeto amoroso, Tia Ifeoma permitiu também que Kambili conhecesse, aprendesse e amasse o seu avô. Enquanto estava na casa da tia, Papa-Nnukwu adoeceu e Ifeoma foi buscá-lo, Kambili nunca tinha se aproximado do avô ou convivido com ele por mais de 30 minutos por ano. No entanto, ainda pensando como Eugene, ela reproduz o dizer dele chamando o avô de Pagão, mas Tia Ifeoma ensina que ele é um tradicionalista e mostrou-a como sua oração, a declaração de inocência, era semelhante a reza do rosário. Ademais, ela percebe a cumplicidade entre Amakha e Papa-Nnukwu e entristece por não ter a mesma oportunidade:

Amaka e PapaNnukwu falavam um com o outro às vezes, com vozes baixas que se entrelaçavam. Eles se compreendiam com poucas palavras. Ao observá-los, senti um intenso desejo por algo que eu sabia que jamais teria (Adichie, 2011, p.176)

Kambili foi privada de ter e receber o afeto do seu PapaNnukwu e sentia na pele ao vê-lo interagindo com os primos, contando histórias e piadas. Aos poucos, ela aprende a amá-lo e a compreendê-lo, mesmo temendo ser descoberta por seu pai. Ifeoma age com Kambili, estimulando a livrar-se do visível desconforto que sente em relação a todas as diferenças. Sua tia, procura retirar sua visão única da história de seu avô e apresenta uma outra realidade. Tanto a cidade de Nsukka, quanto a casa de sua tia e seus primos, seu PapaNnukwu e o Pe. Amadi contribuem para sua vivência plena nesses dias.

A percepção da dinâmica familiar modificou os sentimentos de Kambili e como ela afirma, “talvez todos tenhamos mudado depois de Nsukka - até Papa - e as coisas estivessem destinadas a não ser mais as mesmas, a não estar mais em sua ordem original” (Adichie, 2011, p. 221). A reconexão que teve com seus primos e sua tia, o afeto com seu avô e o Pe. Amadi, além da liberdade de Nsukka, trouxeram a Kambili novas vivências e sentimentos, ela estava em contato com o amor. Na obra de bell hooks, Tudo sobre o amor: novas perspectivas, a teórica discorre sobre a necessidade do amor e do amar nas relações cotidianas. Ela afirma que

conhecer o amor e estar em contato com ele, abre espaço para uma espécie de cura diante de sofrimentos passados.

O amor cura. Quando somos feridos nos espaços onde deveríamos conhecer o amor, é difícil imaginar que o amor realmente tenha o poder de mudar tudo. Não importa o que tenha acontecido em nosso passado: quando abrimos nosso coração para o amor, podemos viver como se tivéssemos nascido de novo, sem esquecer o passado, mas vendo-o de uma forma nova, deixando que ele viva dentro de nós de uma nova maneira (hooks, 2021, p. 198).

Kambili experimenta uma espécie de amor que inicia a cura do seu passado, das violências que sofre e do seu silenciamento. Ifeoma, a quem primeiro demonstra esse amor, dá espaço ao afeto que Kambili precisava, e junto à cidade, cria uma rede amorosa que auxilia a personagem em seu processo curativo. No entanto, mesmo após passar pela vivência do afeto, ao voltar para Enugu, Kambili sofre duas punições brutais de Eugene: uma por ter dormido no mesmo ambiente que PapaNnukwu e a outra enquanto observava o quadro que Amakha pintou de seu avô. Kambili sentia que nada passava despercebido por seu pai, mas ainda assim ela e Jaja escolheram olhar o quadro com admiração, lembrando-se do avô e da proximidade que nunca tiveram. Ao deparar-se com o quadro, Eugene rasgou-o e Kambili, reagindo emocionalmente à fúria do pai, deitou-se em meio aos pedaços rasgados do quadro.

- Levante-se! Afaste-se desse quadro!
Fiquei deitada, sem reagir.
- Levante-se! - repetiu Papa.
Mesmo assim, não me mexi. Ele começou a me chutar. As fivelas de metal de seus chinelos doíam em minha pele como mordidas de mosquitos gigantes. (Adichie, 2011, p. 222-223)

Diante da brutalidade da agressão, Kambili vai para o hospital e durante sua recuperação, pede que sua mãe chame Ifeoma e Pe. Amadi. Ifeoma, mesmo indignada com a situação, também age como suporte para as duas personagens. A tia de Kambili, sempre alertou a cunhada a respeito de Eugene e de sua agressividade em relação a ela e aos seus filhos, nunca tendo apoiado as atitudes dele, e nem que Beatrice continuasse com o casamento. Ela afirma que nem seu marido, Ifediora, havia levantado a mão para ela ou seus filhos, mesmo diante das dificuldades financeiras.

- Isso não pode continuar nwunye m - disse tia Ifeoma. - Quando uma casa está pegando fogo, a gente sai correndo antes que o teto caia em cima da nossa cabeça.
- Nunca foi assim. Ele nunca a puniu desse jeito - disse Mama.
- Kambili vai para Nsukka quando sair do hospital. [...]
Faça uma mala você também e venha para Nsukka. Vai ser mais fácil para você ir embora quando as crianças não estiverem lá.
- Nunca foi assim.

- Não ouviu o que eu disse, gbo? - disse tia Ifeoma, erguendo a voz.
- Ouvi (Adichie, 2011, p. 226).

Ifeoma age tentando protegê-las das agressões do irmão, para que elas consigam ter uma vida longe do controle e da violência de Eugene e Nsukka é o espaço de acolhimento, que ela oferece às personagens. A socióloga Patrícia Hill Collins escreve que “uma vez que as ideologias hegemônicas fazem a violência cotidiana contra as mulheres negras parecer tão rotineira, muitas mulheres não veem a si mesmas nem às outras como vítimas” (Collins, 2019, p. 270). Beatrice mesmo diante da gravidade da situação, ainda tenta justificar que a punição de Eugene nunca havia chegado àquele nível, e perante a violência que ela sofre também não enxerga-se como vítima, mas somente no momento em que o extremo atinge sua filha ela compreende o grau da violência.

Ifeoma é parte fundamental do processo de descoberta desse sistema opressivo que Kambili e Beatrice vivenciam, além de tentar auxiliá-las no processo de liberdade e de (re) existência longe de Eugene. No entanto, para que Beatrice finalmente se libertasse, foi necessário mais um ataque de fúria de Eugene, onde ele arremessou uma mesa de centro e fez com que ela perdesse mais um filho. Nesse momento, ela indigna-se e o evenena antes de ir a Nsukka buscar o acolhimento de Ifeoma. Elas demoram a reconhecer-se dentro desse sistema, mas a partir da voz de Ifeoma, compreendem a gravidade das violências, pois como afirma Collins é importante que mulheres negras ouçam umas às outras, pelo significado e pela força da voz de cada uma. Ela afirma que :

Essa “conspiração do silêncio” sobre o abuso físico e emocional de mulheres negras cometido por homens negros se assemelha ao silêncio das mulheres negras em relação à política da sexualidade como um todo. Ambos os silêncios derivam de um sistema de violência legitimada e rotineira contra as mulheres negras, e ambos servem para reafirmar as hierarquias sociais (Collins, 2019 p. 270).

Ifeoma acolhe, aconselha-a e não compactua com o silêncio, ela segue ativa na crença da liberdade de Kambili e Beatrice. Ela compreende que o silêncio normaliza a violência e dá espaço para que mais eventos ocorram, por isso ela sempre verbalizou sua opinião de que Beatrice deveria dar às costas a quem a subjulgava e ir embora para Nsukka. Desse modo, não somente Ifeoma, mas também a cidade de Nsukka contribuem para a (re)existência das personagens, modificando suas percepções e ações futuras. Ao permitir que Kambili tivesse acesso a outra realidade, Ifeoma reformulou a única história que ela conhecia e como afirma Adichie: “quando rejeitamos a história única, percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso (Adichie, 2018, p.33). E esse paraíso que Kambili alcança ao final do romance, se fez possível com a ajuda de Ifeoma.

Para Kambili, a cidade tornou-se um porto seguro, um lugar de acolhimento, escuta, afeto e principalmente a liberdade. Para Beatrice, a cidade representava segurança e quebra de ciclo. Para as duas personagens, voltar à cidade de Enugu trazia um sentimento diferente daquele proporcionado pela cidade de Nsukka, que era de liberdade, possibilidade e mudança e se não fosse a visita a esse espaço, a situação poderia ter continuado da mesma forma. Nsukka enquanto espaço seguro e de mudança, age diretamente no rompimento das personagens com a opressão de Eugene, dando lugar a novas ações e um novo futuro, porque “Nsukka começou tudo[...] em Nsukka começou a romper o silêncio” (Adichie, 2011, p.22) e às violências.

Collins ao falar sobre espaço seguro afirma que “ao promover o empoderamento das mulheres negras por meio da autodefinição, esses espaços seguros as ajudam a resistir à ideologia dominante promulgada não apenas fora da sociedade civil negra, mas também dentro das instituições afro-americanas” (Collins, 2019, p. 185). Esse espaço seguro permitiu que as personagens se descobrissem, resistissem e (re)existissem novamente. Após a morte de Eugene, ambas personagens tiveram espaço para viver, sonhar, sorrir e vislumbrar um novo tempo. E por fim, mesmo Ifeoma tendo ido embora da cidade, o sentimento pelo espaço era de afeto e liberdade, porque como Kambili afirma: “Nsukka pode libertar algo no fundo de sua barriga que sobe até a garganta da gente e sai sob a forma de uma canção sobre a liberdade. E sob a forma de riso” (Adichie, 2011, p. 313).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo colonial ser considerado como completamente findado se apresenta um desserviço para todos que ainda são vitimizados por ele diariamente. Um processo cruel de apagamento e subjugação de um grupo, em prol do desenvolvimento de outro, deixou marcas profundas e comportamentos aprendidos que são mantidos de forma geracional. Na ficção, muitas vezes encontra-se o retrato de uma sociedade, em personagens que refletem a dor e a história de um povo, seus pensamentos e suas resistências. Analisando a obra de Chimamanda Ngozi Adichie, percebe-se em suas personagens femininas, marcas que denunciam opressões e evidenciam a presença do período colonial, que colonizou corpos e mentes e manipulou os homens negros a adotarem e reproduzirem a violência desse período.

O romance evidencia, na figura de Eugene, um homem que ao ir de encontro aos missionários/colonizadores reproduz em seu lar a tirania e a violência que sofreu e apreendeu. Eugene não somente faz vítimas de suas violências, como também foi uma vítima da violência

e da história que o colonizou. A violência e a reprodução dessas tiranias, impactava tanto as vítimas quanto o algoz, que acreditava estar educando-as e inclinando-as para o bom caminho.

Nas personagens femininas Kambili e Beatrice, do livro *Hibisco Roxo*, encontram-se vítimas de diversos tipos de abuso, que sequer conseguem encontrar em si a força para se opor. Elas são continuamente caladas, controladas e tem seus pensamentos e vontades minimizados, uma situação semelhante àquela vivida pelo povo nigeriano no período colonial. É uma violência que se recusa a morrer, se mantendo firme devido a forma como as sociedades patriarcais são estruturadas e pela recusa de seus membros de modificarem o sistema ao qual já estão habituados.

Como forma de resistir diante da opressão forjada por Eugene, Beatrice e Kambili encontram em Ifeoma e na cidade de Nsukka exemplos de resistência e de defesa da auto identidade, onde a violência sofrida não foi capaz de apagar suas próprias histórias e essências. Em Nsukka o silêncio é rompido e o ciclo de violência é quebrado, elas descobrem um mundo amplo, que se estende muito além da rede onde eram trancadas. Ademais, através das diferentes perspectivas às quais são expostas, se tornam capazes de encontrar seus espíritos e suas vozes, de redesenhar suas (re)existências e enfim, respirar a liberdade que a cidade proporcionou em suas vidas.

Esse ato de autodescoberta e de (re)existência torna-se possível pela parceria entre mulheres. Ifeoma em posição de solidariedade, acolhe Beatrice e Kambili e pela força de sua voz, faz com que as personagens se enxerguem, resistam e (re)existam a caminho da liberdade das violências sofridas. Portanto, entende-se a importância de “Ifeomas”, como agentes da liberdade de mulheres e da rede de solidariedade composta por elas no rompimento do silêncio e diante das violências sofridas. Essas violências podem ocorrer de maneiras sutis e impedir que as vítimas percebam-se enquanto vítimas, mas pelo apoio mútuo serem acolhidas diante de vozes que não compactuam com o silêncio.

Por fim, conclui-se que apesar de atender aos objetivos e resultados esperados, uma pesquisa não encerra-se nela mesmo. O romance de Adichie pontua temáticas atuais e persistentes às comunidades que sofreram o impacto do período colonial e sobrevivem em meio a sombra do pós-colonialismo e dos conflitos internos ocasionados pela independência da Nigéria. Ademais, sua obra privilegia temáticas acerca das mulheres, suas vivências e os impactos que suas vidas receberam a partir do período pós-colonial.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Hibisco Roxo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento** / Patricia Hill Collins ; tradução Jamille Pinheiro Dias. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2019.
- FANON, Frantz . **Pele Negra, Máscaras Brancas**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- FANON, Frantz . **Os Condenados da Terra**. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005.
- HOOKS , bell. **E eu não sou uma mulher?** : mulheres negras e feminismo. 15. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2024.
- HOOKS , bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.
- HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas** / bell hooks; tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.
- HOOKS, bell. **Erguer a voz**. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano** /Grada Kilomba; tradução Jess Oliveira. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2020
- OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Oyèrónké Oyěwùmí; tradução de Wanderson Flor do Nascimento. - 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.
- OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas**. Tradução para uso didático de: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8 por Juliana Araújo Lopes.



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

Autorização Decreto nº 9237/86. DOU 18/07/96. Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH
CAMPUS VI - CAETITÉ/BA**

DECLARAÇÃO DE INEXISTÊNCIA DE PLÁGIO

Eu, Maria Isabel de Jesus Souza Ribeiro estudante do curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas da UNEB, Campus VI, Caetité, declaro para os devidos fins, que o trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado EM NSUKKA COMEÇOU A ROMPER O SILÊNCIO: UM OLHAR SOB AS PERSONAGENS FEMININAS EM HIBISCO ROXO é de minha autoria. Declaro ainda que os trechos e citações de terceiros presentes no texto estão devidamente referenciados conforme a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), e que assumo inteira e total responsabilidade em caso de identificação de plágio, sujeitando-me às penas previstas no Código Penal Brasileiro.

Caetité, 02/02/2026.

Maria Isabel de Jesus Souza Ribeiro

Maria Isabel de Jesus Souza Ribeiro – 062210139



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB

Autorização Decreto nº 9237/86. DOU 18/07/96. Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - DCH
CAMPUS VI - CAETITÉ/BA

DECLARAÇÃO DE (NÃO) USO DE INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Eu, Maria Isabel de Jesus Souza Ribeiro estudante do curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Literaturas da UNEB, Campus VI, Caetité, declaro para os devidos fins, que o trabalho de conclusão de curso (TCC) intitulado EM NSUKKA COMEÇOU A ROMPER O SILÊNCIO: UM OLHAR SOB AS PERSONAGENS FEMININAS EM HIBISCO ROXO é de minha autoria.

Considerando que recursos de inteligência artificial **não devem ser utilizados na escrita/produção da redação final do trabalho** de conclusão de curso, declaro também que durante a produção do texto:

(X) NÃO houve o uso de inteligência artificial

() SIM, houve o uso de Inteligência artificial. (Neste caso, informe abaixo o uso que foi feito e quais recursos foram utilizados, sabendo que a IA **não deve ser utilizada para escrita do texto**)

A Inteligência artificial foi usada no texto para:

- () revisão linguística do texto
- () elaboração de imagens e gráficos
- () tradução
- () Outros (especificar) _____

Cite os recursos de IA que foram utilizados (ex: Chat GPT)

Caetité, 02/02/2026.

Maria Isabel de Jesus Souza Ribeiro

Maria Isabel de Jesus Souza Ribeiro – 062210139